



JOSÉ

CARDOSO

PIRES

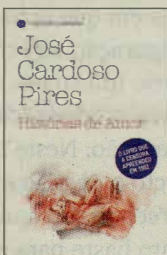
Histórias

de Amor

Edições Nelson

de Matos, 2008,

260 págs., €19



CONTOS Reedição de um livro de Cardoso Pires apreendido pela Censura na década de 50, em que os cortes do «lápiz azul» aparecem assinalados.

DANDO CONTINUIDADE à publicação de obras assinadas por José Cardoso Pires (refira-se, já deste ano, o até então inédito **Lavagante**), a editora de Nelson de Matos acaba de (re)lançar **Histórias de Amor**, uma colectânea de contos do autor de **Balada da Praia dos Cães**, apreendida pela Censura à data da sua edição original, em 1952. Além das cinco narrativas reunidas, a obra inclui também uma carta de José Cardoso Pires dirigida ao director dos Serviços de Censura, contestando a apreensão do livro, e três críticas da época, da responsabilidade de Mário Dionísio, Luís de Sousa Rebelo e Óscar Lopes. O interesse da reedição deste título resulta evidente. Não só por nos dar a conhecer (ou recordar) a escrita mais jovem de um dos maiores romancistas portugueses da modernidade, mas também, no caso, por — ao assinalar os cortes feitos pela Censura —, nos dar a ver o quão mesquinhos e ignorantes podiam ser os homens do lápis azul, aqui no seu melhor em defesa da «moral e dos bons costumes». Acresce ainda o conteúdo das recensões incluídas, a provar que os críticos, mesmo os mais reputados, nem sempre sobrevivem ao crivo do tempo. Se, de todas as histórias de amor, a que melhor resiste é «Ritual dos Pequenos Vampiros», é curioso verificar como esse conto era, então, analisado, acusado de deixar transparecer demasiado a influência das letras americanas, tanto na escolha de um negro para personagem principal, como, e sobretudo, na construção formal. Mario Dionísio clama expressamente pela «desamericanização», Luís de Sousa Rebelo lamenta que o autor

«se deixe arrastar de mais pelo modelo americano» e só Óscar Lopes não parece preocupar-se em excesso com o visível e assumido parentesco literário, vindo mesmo em sua defesa. Todos estes anos passados, o conto sobrevive como prova da grande mestria narrativa de J.C.P., a qual virá a atingir a perfeição com o magnífico **O Delfim**. Dos outros contos, realce-se, «Dom Quixote, as Velhas Viúvas e a Rapariga dos Fósforos», um texto mais longo que se apresenta mesmo como novela, e cuja humanidade, descontados o cenário e pormenores datados, nos continua a comover. E se a carta de J.C.P. aos censores dói pelo que se percebe o autor tem de pactuar, na tentativa vã de não ser silenciado, e se as mulheres descritas estão ainda muito aquém da emancipação ou sequer da revolta, no conjunto, **Historias de Amor**, além de documento de época, vale como documento literário. A ler. Ou a reler. Uma pequena nota, a capa original, reproduzida no interior, bem valia a actual.

ANA CRISTINA LEONARDO